

“De todos os pontos partirão reclamações”: cólera e medo no Piauí (1862-1866)

Marcus Pierre de Carvalho Baptista,
Francisco de Assis de Sousa Nascimento
e Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

Marcus Pierre de Carvalho Baptista

Universidade Federal do Piauí – Teresina, PI, Brasil.
E-mail: marcus_pierre@hotmail.com
ORCID: 0000-0003-2774-6972

Francisco de Assis de Sousa Nascimento

Universidade Federal do Piauí – Teresina, PI, Brasil.
E-mail: franciscoufpi@gmail.com
ORCID: 0000-0003-1955-8891

Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

Universidade Estadual do Piauí – Teresina, PI, Brasil.
E-mail: baptistaeli@gmail.com
ORCID: 0000-0002-2885-7968

Resumo: No ano de 1856, o presidente da província do Piauí em seu relatório de gestão apresentado à Assembleia Legislativa Provincial, registrou a incidência de um horrível flagelo no Brasil, ressaltando que este, por força da providência divina, ainda não havia chegado em terras piauienses. Este flagelo tratava-se do cólera. Assim, em um contexto do império enfermo, o Piauí enfrentou epidemias de diversas doenças, dentre elas, o cólera, que “assombrou” a província. Deste modo, o objetivo do presente trabalho foi refletir, a partir de estudo de documentos do poder executivo, sobre a presença desta enfermidade na segunda metade do século XIX no Piauí e como esta afetou o imaginário da época no tocante ao medo. O estudo indicou que a incidência do cólera perturbou o imaginário da população piauiense pelo medo de sua disseminação e morte por seu contágio.

Palavras-chave: Medo; Cólera; Província do Piauí.

“Complaints will come from all points”: cholera and fear in Piauí (1862-1866)

Abstract: In 1856, the president of the province of Piauí, in his management report presented to the Provincial Legislative Assembly, recorded the incidence of a horrible scourge in Brazil, emphasizing that, due to divine providence, it had not yet arrived in Piauí lands. This scourge was cholera. Thus, in a context of the ill empire, Piauí faced epidemics of several diseases, including cholera, which “haunted” the province. Therefore, the objective of the present study was to reflect, based on a study of documents from the executive power, on the presence of this disease in the second half of the 19th century in Piauí and how it affected the imagination of the time regarding fear. The study indicated that the incidence of cholera disturbed the imagination of Piauí’s population for fear of its spread and death due to its contagion.

Keywords: Fear; Cholera; Piauí’s Province.

“De todos los puntos dejen quejas”: cólera y miedo en Piauí (1862-1866)

Resumen: En 1856, el presidente de la provincia de Piauí, en su informe de gestión presentado a la Asamblea Legislativa Provincial, registró la incidencia de un terrible flagelo en Brasil, destacando que éste, por providencia divina, aún no había llegado a tierras de Piauí. Este flagelo tenía que ver con el cólera. Así, en un contexto de imperio enfermo, Piauí enfrentó epidemias de varias enfermedades, entre ellas el cólera, que “acechaba” a la provincia. Así, el objetivo del presente trabajo fue reflexionar, a partir de un estudio de documentos del Poder Ejecutivo, sobre la presencia de esta enfermedad en la segunda mitad del siglo XIX en Piauí y cómo afectó el imaginario de la época con respecto al miedo. El estudio indicó que la incidencia del cólera perturbó la imaginación de la población de Piauí por temor a su propagación y muerte por contagio.

Palabras clave: Miedo; Cólera; Provincia de Piauí.

Considerações iniciais

Na segunda metade do século XIX, segundo Del Priore (2016), especialmente as primeiras décadas, marcam no contexto do Brasil oitocentista um momento de discussão profícua entre a legitimação do saber médico científico em detrimento de outras práticas de cura que existiam no momento. Tratou-se de um período que o poder público buscou relacionar uma ideia do ser “moderno” com questões voltadas ao progresso, modernização dos espaços, bem como a necessidade de higienização destes últimos.

No entanto, ainda que estas discussões tenham estado presentes nas províncias brasileiras, o Piauí não esteve ausente desta, pois conforme perceberemos na discussão deste artigo, dentre as muitas enfermidades que se instalaram de norte a sul do Brasil provocando não apenas milhares de vítimas, mas modificando significativamente o cotidiano, bem como o imaginário social das pessoas destaca-se a epidemia¹ do cólera.

Entre 1854 e 1855, o cólera afetou as províncias do Pará, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Alguns anos depois, em 1867, a doença reaparece no Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ressurgindo em 1894 na cidade de São Paulo (Del Priore, 2016), tratando-se, então, de um contexto do Império enfermo².

No Piauí, por sua vez, o cólera se fez presente entre 1862 e 1866, conforme Nunes (2007), vitimando dezenas de pessoas nos termos e vilas atingidos, especialmente naqueles em situação limítrofe³ com o Ceará, a exemplo de Independência e Príncipe Imperial.

¹ Para que a leitura desta narrativa se torne mais fluída e elucidativa faz-se necessário a compreensão do que é epidemia e como a humanidade enfrentou diversos casos ao longo do tempo e do espaço. Deste modo, compreendemos epidemia enquanto a irrupção de uma doença que se alastra rapidamente em determinada área geográfica em um curto período de tempo acometendo um número significativo de indivíduos, tornando-se uma pandemia quando afeta diferentes continentes (Moura; Rocha, 2012). Deve-se indicar ainda que a existência de epidemias se trata de uma constante na história da humanidade, sendo possível elencar diversos registros de doenças distintas ocorridos ao longo do tempo, bem como os efeitos que estas tiveram nas populações atingidas. Pode-se citar, por exemplo, as várias epidemias de varíola que acometeram as populações mesoamericanas no século XVI e o declínio populacional significativo decorrido disto (Miranda, 2017), bem como o caso da pandemia da Gripe Espanhola de 1918 que afetou diversas partes do mundo com estimativas de mortos na casa das dezenas de milhões (Goulart, 2003) ou mais recentemente a Covid-19 declarada enquanto pandemia em março de 2020 e que até o momento de escrita deste texto, isto é, julho de 2021, continua modificando o cotidiano de milhões de pessoas em diversas partes do mundo, além de já ter provocado milhões de mortes. No caso do cólera, nosso interesse nesta narrativa, este foi identificado por alguns autores, a exemplo de Fonseca e Silveira (2019), enquanto uma enfermidade que assumiu um caráter pandêmico diversas vezes entre o início do século XIX até o começo do século XX afetando primeiramente a Ásia e África e, posteriormente, Europa e América. Acerca dos seus efeitos neste último continente trataremos sobre o momento em que atinge o Brasil, especificamente a província do Piauí na década de 1860.

² Além do Cólera, de acordo com Del Priore (2016), outras doenças de caráter epidêmico também afetaram o império neste período, como a febre amarela, varíola, dentre outras. Estas últimas, por sua vez, segundo Nunes (2007), também grassaram no Piauí entre os anos de 1861 e 1866 levando a óbito centenas de pessoas em diversas localidades da província.

³ Para mais informações sobre os limites entre a província do Piauí e Ceará, bem como a disputa litigiosa na segunda metade do século XIX ver Baptista, Nascimento e Baptista (2021).

Assim, nos anos 1860 os piauienses enfrentaram diversas doenças que marcaram o seu imaginário, a exemplo do cólera⁴ e da varíola, podendo encontrar registros acerca destas e seus efeitos nos documentos produzidos pelo poder executivo, bem como na imprensa piauiense da época.

A varíola, por exemplo, tratava-se de uma enfermidade comum no dia a dia da população assumindo caráter epidêmico em diversos momentos. Nos relatórios dos presidentes da província de 1863⁵, 1865⁶, 1866⁷, 1867⁸, 1876⁹, 1877¹⁰, 1878¹¹, 1879¹² foi possível encontrar registros da doença na província, às vezes tratando-se de surtos epidêmicos e outras vezes casos isolados.

A relevância da narrativa aqui construída se traduz na necessidade de se ampliar as discussões sobre a história da saúde e das doenças no contexto piauiense, especialmente sobre o cólera na década de 1860, o qual é possível encontrar apenas breves menções no caso do Piauí, a exemplo de Nunes (2007). Neste sentido, o objetivo deste artigo foi discutir sobre os reflexos que a presença do cólera teve no imaginário dos piauienses na segunda metade do século XIX enfatizando questões referentes ao medo que este provocou no território provincial.

A metodologia, por sua vez, constou de pesquisa bibliográfica para compreensão do contexto histórico brasileiro e do Piauí no tocante a presença e os efeitos do cólera, além de outras enfermidades, na segunda metade do século XIX, com destaque para autores como David (1993), Nunes (2007) e Del Priore (2016), bem como obras que ajudassem a dialogar com o conceito de medo que foi trabalhado na

⁴ De acordo com Lemos (2019) os principais sintomas desta enfermidade são a diarreia, vômitos e câibras. Seu modo de transmissão, por sua vez, decorre do consumo de alimentos ou água que tenha sido previamente contaminada com fezes humanas. No entanto, no decorrer do século XIX, especialmente no contexto dos anos 1860 que discutiremos neste artigo, não se tinha informações sobre como a doença se propagava e apenas no século seguinte este conhecimento se consolida. Importante indicar ainda que, por diversas vezes, a doença era comumente identificada enquanto “*cholera-morbus*”, em função da quantidade elevada de óbitos provocada por esta nos espaços em que grassava, bem como um simbolismo criado em torno desta enfermidade de se tratar de um artefato utilizado por Deus para que pudesse punir os seres humanos. Deste modo, assim como Lemos (2016, 2019) e David (1993), optamos por tratar o cólera no masculino, considerando também que os documentos que utilizamos, isto é, os relatórios de presidentes da província do Piauí e os jornais piauienses de fins de século XIX empregam o mesmo termo.

⁵ Epidemia de varíola em Pedro II. A doença também apareceu em Marvão e Campo Maior, mas não atingiu níveis epidêmicos (Piauhy, 1863b).

⁶ Apenas indica que a varíola assumia um caráter benigno na província, isto é, não provocara naquele ano surtos epidêmicos (Piauhy, 1865).

⁷ Neste ano a varíola atingiu diversas localidades da província, estando presente em Teresina, Parnaíba, Oeiras, São Gonçalo (atual São Gonçalo do Piauí) e Barras, vitimando na capital 118 pessoas (Piauhy, 1886a; Piauhy, 1866b). Ao término do ano registra-se o fim da epidemia (Piauhy, 1866c).

⁸ Registra apenas que em 1867 a varíola estava controlada na província tendo um número reduzido de vítimas se comparado ao ano anterior (Piauhy, 1867).

⁹ Novo surto epidêmico de varíola entre 1875 e 1876 tendo afetado São João do Piauí, Pedro II, Amarante, Campo Maior e Teresina e feito mais de 800 vítimas nesta última. Em 1876 apenas em Amarante o surto continuava a produzir óbitos (Piauhy, 1876).

¹⁰ Registra que o surto epidêmico em Amarante e Jerumenha havia terminado. Destaca ainda a importância das vacinas e da atuação dos médicos no combate à epidemia (Piauhy, 1877).

¹¹ Aponta apenas dois casos de varíola em Independência em decorrência dos migrantes cearenses. Destaca a necessidade de vacinação na capital em função do Ceará e Maranhão vivenciarem no contexto surtos epidêmicos, tendo indicado a importância de que os migrantes cearenses da seca de 1877-1879 também fossem vacinados (Piauhy, 1879b).

¹² Novamente a varíola assume caráter epidêmico afetando Parnaíba, Oeiras, Picos e Jaicós. Foram ainda tomadas medidas profiláticas como o envio de vacinas para os espaços afetados e a construção de um lazareto em Teresina para acolhimento dos enfermos (Piauhy, 1879a).

narrativa construída, utilizando-se Tuan (2005) e Ariès (2012), os quais permitem-nos historicizar a relação estabelecida entre a humanidade e o medo, isto é, a compreensão de que este liame modifica-se de acordo com as diferentes temporalidades e espacialidades. Com relação a fontes utilizamos ao longo da pesquisa os relatórios dos presidentes da província do Piauí de 1856, 1862, 1863, 1865 e 1866.

Portanto, a partir do acervo documental trabalhado o fio condutor da construção desta narrativa sustentou-se nas possibilidades de reflexão acerca de como o cólera transformou não apenas o cotidiano das pessoas nos espaços nos quais se inseriu, seja modificando hábitos ou paisagens, mas também de que maneira marcou o imaginário social da época.

Do “assombro” à morte: o cólera no Piauí enfermo na segunda metade do século XIX

No ano de 1862 o cólera figura pela primeira vez no relatório do presidente da província Dr. Antonio de Britto Souza Gayozo¹³ ao novo presidente Dr. José Fernandes Moreira¹⁴. No então documento que trazia os principais dados, eventos e ações tomadas pela administração que se encerrava para conhecimento da nova que assumiria a gestão há um destaque feito acerca da situação de saúde pública da província piauiense.

Segundo o documento, a partir de 1862, o cólera passou a integrar o cotidiano da população de boa parte das vilas e cidades da província piauiense, notadamente naquelas limítrofes com a província vizinha do Ceará e que terminam por acumular a maior quantidade de vítimas, bem como o maior número de ações profiláticas para evitar a disseminação da enfermidade. Deste modo, o seguinte consta no relatório de 13 de junho de 1862:

Saude publica.

[...]

Finalmente o cholera-morbus, tendo ceifado a larga tantas vidas no Tauá e Icó da Provincia do Ceará, atacou o termo da Independencia, e veio aterrar, de uma maneira assombrosa, toda a Provincia. De todos os pontos partirão reclamações, e exigencias extraordinarias. O mal se achava a mais de 40 leguas de distancia, e já precipitadamente abandonarão esses lugares mais ameaçados e as autoridades se julgavão authorisadas a collocar presídios e a cortar todas as communicações, confiando assim nessas medidas improficuas, inexquiveis, e que a sciencia reprova, sobe tudo contra esse terrivel flagello, que nada respeita na sua marcha caprichosa e incomprehensive. Tive de reproval-as todas, e apenas ordenei que se estabelecesse lasareto na Parnahiba, visto ser a unica linha de communicação, logo que fosse affectado d’essa epidemia qualquer dos pontos em que tocasse o vapor costeiro do Maranhão, que mensalmente vizita aquella Cidade. Mandeí ambulancias de medicamentos para a Cidade de Oeiras, e Villas dos Picos, Jaicós, Principe Imperial e Independencia, que erão mais immediatamente ameaçadas. Nomeei para essas localidades commissões sanitarias, bem como para Marvão e Parnahiba, autorizando-as, de conformidade com as instrucções, que então dei a despender, logo que o mal se declarasse, limitadas quantias com o pessoal, medicamentos e dietas aos pobres. Como já se achava esgotada a verba de = Socorros publicos, = determinei essas despesas sob minha responsabilidade [...].

¹³ De acordo com Gonçalves (1997) foi bacharel em Direito e político tendo nascido no Maranhão e presidido a província do Piauí entre 13 de maio de 1861 a 13 de junho de 1862.

¹⁴ Segundo Bastos (1994) governou a província do Piauí de 13 de junho de 1862 a 30 de junho de 1863. Nos dicionários biográficos consultados não dispõem de mais informações acerca deste presidente.

Felismente, dias antes da chegada de V. Exc., recebi de todos os pontos, favoráveis notícias.

O terror panico já ia desaparecendo por toda a parte e mesmo na Independencia, unico termo da Provincia, onde o cholera se manifestou e brundamente, roubando apenas algumas existencias, se considerava o mal como extinto (Piauhy, 1862a, p. 6-7).

No momento de produção deste documento, isto é, em 1862 já se tinha pleno conhecimento na província piauiense acerca dos efeitos provocados pela enfermidade nas demais províncias do Império, assim como na vizinha província do Ceará. Dito isto, alguns elementos presentes no relatório supracitado nos chamam a atenção e ajudam-nos a refletir sobre os efeitos que a doença teve no imaginário social da época.

Observemos inicialmente a forma como é descrito a reação das pessoas perante a enfermidade. Terror! Pânico! Abandono de locais! Assombroso! Mal! Ao longo do documento estes termos aparecem e reaparecem no intuito de tentar descrever a situação que as diferentes localidades acometidas diretamente ou indiretamente pela doença encontravam-se nesta época.

A partir destes elementos podemos inferir que o medo¹⁵ da doença fazia-se presente, modificando significativamente o cotidiano das populações, ainda que a enfermidade não tivesse grassado em certas localidades. A fuga das cidades, por exemplo, de acordo com Tuan (2005), tratava-se de ação comum tomada pelas pessoas em momentos de irrupção de epidemias consideradas mortais, podendo-se encontrar casos similares em contextos históricos-geográficos e epidêmicos distintos.

Deste modo, essa situação não foi algo exclusivo do Piauí no contexto de 1862, em que pese, conforme Franco, Lopes e Franco (2019), desde os momentos da colônia é possível encontrar referências a surtos epidêmicos que provocaram pânico, medo e mortes na América Portuguesa.

A doença, deste modo, e, especialmente a doença de caráter epidêmico podia provocar o medo nas populações. No entanto, o principal fator de medo não era a doença em si, mas sim as próprias pessoas. Estas “temiam o doente tanto quanto os suspeitos de estar doentes. E estes temiam os poderes extraordinários das autoridades, que podiam encerrá-los em hospitais imundos que na verdade eram armadilhas mortais” (Tuan, 2005, p. 166).

Este imaginário influenciava ainda as medidas efetuadas pelo poder público e, isto posto, ao considerarmos a atuação das autoridades é interessante ainda apontar similaridades das ações tomadas pelos poderes públicos locais no Piauí com ações realizadas em outras localidades, a exemplo da ação

¹⁵ É importante destacar que compreendemos o medo enquanto um produto histórico, isto é, este modifica-se de acordo com as sociedades ao longo do tempo e do espaço, podendo inúmeros elementos serem fontes de medo para os seres humanos, como a natureza, a fome, calamidades naturais, bruxas, fantasmas, cidades, humilhação pública, penas de morte, exílio, prisão e as doenças (Tuan, 2005). Além disso, no caso do século XIX, temporalidade discutida neste artigo, é o contexto que, segundo Ariès (2012) que a morte assume um novo caráter na sociedade ocidental, passando a ser representada de outras formas e se contrapor a percepção de uma morte romântica. A morte passa a ser negada, perdendo o fascínio que anteriormente exercia sob as artes e a literatura, tornando-se motivo de medo.

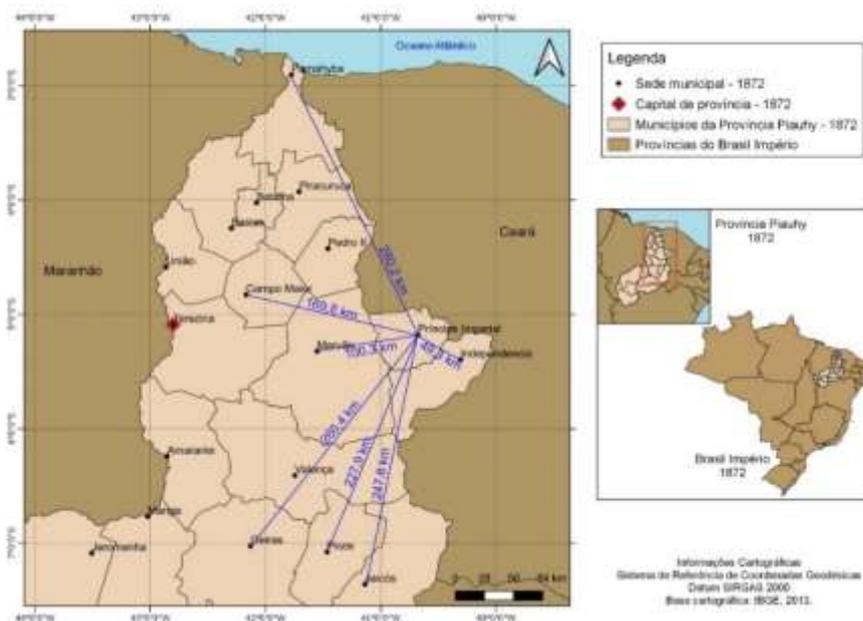
reprovada pelo presidente da província, ou seja, o encarceramento dos cidadãos, bem como o corte das comunicações e, provavelmente, o contato com outras vilas e cidades¹⁶.

Não obstante isto, a administração provincial se preocupou em construir um espaço destinado para quarentena na localidade considerada mais provável de grassar surto epidêmico, isto é, a cidade de Parnaíba, possivelmente por estabelecer contato através do oceano Atlântico com embarcações provenientes de outras províncias e, por vezes, de outros países.

Observa-se também uma preocupação com o envio de medicamentos para as vilas e cidades limítrofes ou mais próximas da província vizinha do Ceará que se encontravam em situação maior de risco em função da epidemia que já afetava a população cearense neste momento. E, além disso, a nomeação de comissões sanitárias nestas localidades provavelmente tratou-se de outra tentativa de conter o avanço da epidemia. Estas comissões, por sua vez, possivelmente atuavam de maneira similar àquelas criadas em outras províncias¹⁷.

Deste modo, “um surto de cólera [...] ameaçava toda uma população. O terror ao contágio podia perturbar tanto a razão que, para os que estavam bem de saúde, os doentes pareciam não somente as vítimas do mal, mas os causadores” (Tuan, 2005, p. 166).

Mapa 1: Distância entre as localidades piauienses afetadas pelo cólera na década de 1860



Fonte: Dados da pesquisa¹⁸.

¹⁶ Ação semelhante foi tomada 30 anos antes na Rússia quando este país também enfrentava um surto de cólera em 1830 e para lidar com o surto foram feitas barreiras sanitárias para evitar a migração de pessoas das áreas contaminadas (Tuan, 2005).

¹⁷ Podemos citar o caso de Minas Gerais no qual as comissões sanitárias, organizadas pela própria população sob solicitação do poder público, que foram criadas tinham por objetivo fiscalizar, auxiliar os enfermos, e financiar estas ações quando fosse necessário. No caso do Piauí, aparentemente, os gastos que estas comissões tiveram foram financiados pela administração pública tendo sido focados em pagamentos com pessoal, medicamentos e alimentos, especialmente aos mais pobres (Fonseca; Silveira, 2019).

¹⁸ O geoprocessamento dos mapas neste artigo foi realizado por Núbia Araújo Sena, tecnóloga em Geoprocessamento e licenciada em Geografia.

E, no caso do Piauí, isso não foi diferente, levando a tomada de medidas difusas por parte de autoridades locais, bem como fuga dos moradores dos espaços afetados com o intuito de escapar da enfermidade. Ainda em relação ao relatório de 13 de junho de 1862 do Dr. Antonio de Britto Souza Gayozo (Piauhy, 1862a) o mapa 1¹⁹ permite visualizar o itinerário do cólera no Piauí, evidenciando a possibilidade do medo provocado nas vilas e cidades, bem como àquelas que receberam medidas profiláticas por parte da administração provincial e as vilas que foram mais afetadas pela epidemia mais próximas do Ceará.

A partir do mapa 1 é possível perceber, então, o alcance que a doença teve no momento que grassou na província piauiense, bem como dois pontos de entrada da enfermidade a serem tratados no decorrer desta narrativa: as vilas limítrofes com o Ceará que terminaram sendo o principal ponto de entrada pelas vias terrestres e o receio da doença chegar pelo oceano Atlântico com o contato estabelecido no Norte por Parnaíba.

Alguns meses depois, já na administração do Dr. José Fernandes Moreira, outro relatório acerca da província foi produzido e apresentado à Assembleia Legislativa. Neste constam novas informações sobre o estado da província no tocante a saúde pública e, especialmente, como se encontrava a situação da epidemia de cólera no final do ano de 1862. No documento tem-se o seguinte:

Saude Publica

Do relatorio de meu antecessor vereis as medidas tomadas por occasião de ameaçar-nos o cholera-morbus, que tantas victimas ceifou na Provincia do Ceará. A epidemia, que desenvolveo-se em Maio na Independencia, extinguiu-se no mez seguinte, tendo matado 47 pessoas, das quaes 25 na Villa, e 22 no termo. A Commissão sanitária prestou bons serviços auxiliada pelo Commandante do destacamento, Alferes Clemente José Ferreira, e pela do Principe Imperial, que contractou, e para ali remetteo o cirurgião Antonio Mavignier Lopes Gama.

No Principe Imperial apenas se derão cazos de cholera de character tão benigno, que não houve uma só victima. Cumprirão seos deveres com zelo a Commissão sanitária, o Commandante do destacamento, e delegado Alferes Segisnando Cicero d'Alencar Araripe, e Francisco Antonio de Souza Azevedo, que prestou-se a tratar gratuitamente os atacados de choleras pelo systema homeopathico.

A Commissão da Parnahiba, mais de perto ameaçada pelas continúas relações com o Ceará, tomou as precisas providencias, mandando construir um lazareto na ilha Grande em frente da Amarração, um cemiterio provisório, camas, e mais pertences do hospital, e procurando melhorar as condições hygienicas do lugar pela limpeza das ruas, e praças, abertura de vallas para escoamento das agoas estagnadas. Felizmente até esta data nenhum outro termo da Provincia, além do da Independencia, tem sido accommettido pelo mal; e como o mal tem declinado consideravelmente na Provincia vizinha, devemos esperar que ainda esta vez a Providencia Divina nos poupará. Entretanto tenho recomendado a todas as Commissões, que se conservem vigilantes, em quanto se não desvanecerem completamente todos os receios (Piauhy, 1862b, p. 6-7).

¹⁹ Necessário esclarecer que o mapa foi elaborado a partir da base cartográfica de 1872 georreferenciada disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar da data do mapa em questão ser 10 anos após os eventos tratados na narrativa deste artigo os limites entre Piauí e Ceará na segunda metade do século XIX só se alteram significativamente no ano de 1880 com a permuta realizada entre as duas províncias entre os territórios de Príncipe Imperial e Independência para o Ceará e Amarração para o Piauí (Baptista; Nascimento; Baptista, 2021).

Se anteriormente apresentava-se um imaginário social de medo e pânico em diversos espaços da província em função da presença ou provável chegada da enfermidade agora este quadro se alterou e, aparentemente, com relação ao número de infectados e óbitos provocados a doença teve um efeito limitado.

Através do documento é perceptível a presença do Cólera nesta época em três localidades específicas: Independência, Príncipe Imperial (atualmente Crateús) e Parnaíba. Destas, por sua vez, é em Independência, localidade mais próxima da província vizinha, que a enfermidade grassa com mais impacto levando a óbito dezenas de pessoas e forçando o poder público a instalar uma Comissão Sanitária para lidar com a epidemia.

O aparecimento da doença em espaços limítrofes com o Ceará, como o exemplo dos três locais citados, bem como com o oceano, caso de Parnaíba, não é à toa e trata-se de um aspecto a ser considerado para análise. Assim como no Piauí, de acordo com Lemos (2016), o cólera chega ao Ceará em 1862, tendo se espalhado por diversos espaços da província cearense, com destaque feito pela autora para Quixeramobim e suas circunvizinhanças.

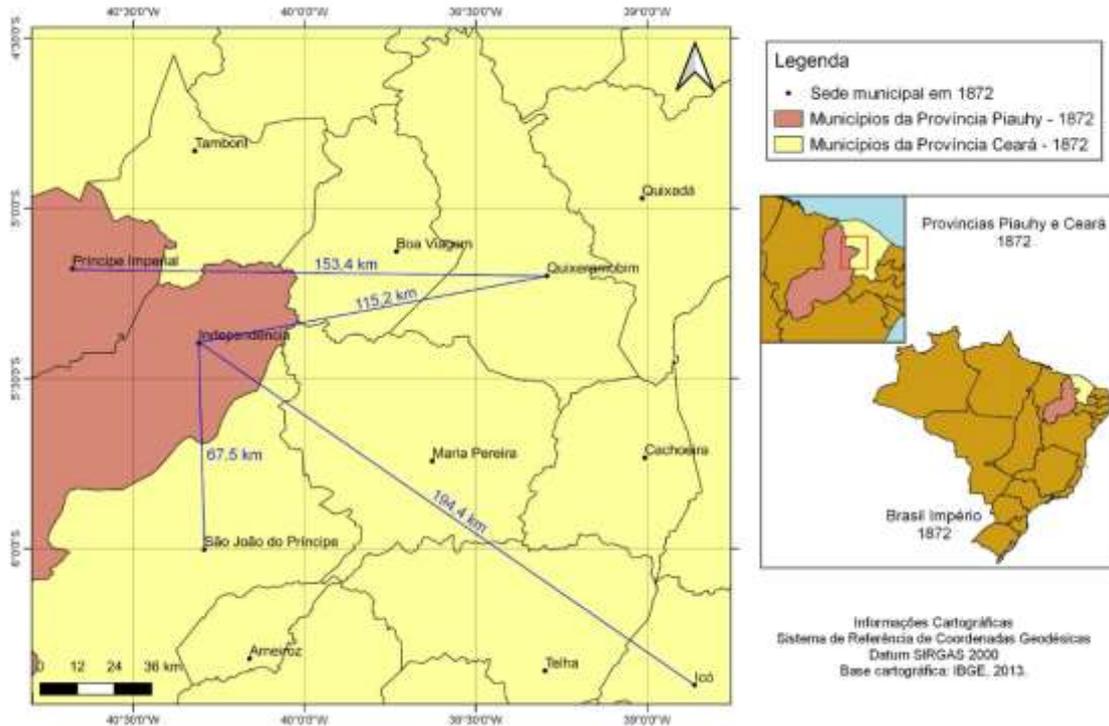
Nesta localidade, ainda segundo Lemos (2016), em 1855 a Câmara Municipal informa à Presidência da Província que existiam sete estradas de caráter público e que permitiam acesso aos espaços adjacentes. Dentre estes, uma das estradas seguiam desta vila e permitiam acesso ao Piauí, até a vila de Príncipe Imperial nesta província e, considerando que Independência, outra vila piauiense no período, localizava-se ainda mais próxima a divisa com o Ceará, possivelmente esta estrada também permitia acesso a esta última vila na região denominada vale do Crateús.

O mapa 2²⁰ permite visualizar as distâncias com a província vizinha e entre espaços afetados nesta última pelo cólera, como Quixeramobim, segundo Lemos (2016), bem como Tauá²¹ e Icó, outras localidades existentes na província do Ceará e que segundo o relatório de 13 de junho de 1862 do Dr. Antonio de Britto Souza Gayozo (Piauhy, 1862a) também foram afetadas pela epidemia do cólera naquele ano.

²⁰ Rever nota de rodapé 17 para esclarecimentos sobre a base cartográfica utilizada para elaboração deste mapa.

²¹ Tauá é a designação atual de São João do Príncipe como aparece na base cartográfica de 1872 utilizada para elaboração do mapa 2.

Mapa 2: Distância entre os principais espaços afetados no Piauí de regiões próximas na província do Ceará também acometidas pelo cólera



Fonte: Dados da pesquisa.

Considerando o mapa 2 é possível, então, perceber a proximidade existente entre as vilas que, segundo os documentos consultados, foram as mais afetadas pelo cólera no Piauí, e algumas das localidades cearenses citadas pelo relatório de 13 de junho de 1862 do Dr. Antonio de Britto Souza Gayozo (Piauhy, 1862a), como Tauá e Icó. Considerando ainda as relações existentes entre Príncipe Imperial e Independência por vias terrestres com a província vizinha, conforme ressaltado por Baptista, Nascimento e Baptista (2021) enquanto um dos argumentos para legitimar a permuta realizada em 1880 entre Piauí e Ceará não é surpresa que sejam as vilas mais afetadas pelo cólera e que a doença tenha chegado na região por meio da província cearense.

No que diz respeito a Parnaíba, localizava-se no litoral do Piauí, na divisa com o Ceará através do povoado de Amarração, naquele contexto ainda pertencente a província cearense. A proximidade não apenas com o Ceará através do povoado vizinho, mas com o seu porto e, conseqüentemente, com o oceano Atlântico²² ajuda-nos a refletir o porquê de Parnaíba ter sido também, possivelmente, um dos espaços mais afetados na província piauiense pelo cólera.

²² De acordo com David (1993), o século XIX marca na história o momento em que o cólera se alastra por diversas localidades do mundo assumindo um caráter epidêmico nas regiões em que passava. Até as primeiras décadas do período oitocentista esteve limitado a regiões da Índia, China e Japão, atingindo posteriormente a África na mesma época. A partir dos anos 1830 a epidemia se fez presente também na Europa e na América do Norte, além de alguns países da América Central e do Sul. Segundo o autor, pode-se considerar esta a primeira pandemia de cólera da história, tendo sido disseminada graças a movimentação de tropas e ao comércio internacional que se configurava naquele momento através dos portos espalhados nas diversas localidades do mundo. A partir dos anos 1840 e até os anos 1860 um novo surto de cólera afetou diversos países, dentre estes o Brasil. No caso brasileiro a doença chegou inicialmente na província do Pará em 1855, tendo sido trazida possivelmente de Portugal, se alastrando por boa parte do país nos anos que seguem até a década de 1860.

Embora o documento não afirme se Parnaíba nesta época foi de fato afetada pela enfermidade, limitando-se a inferir sobre as ações profiláticas tomadas no litoral piauiense, como a construção de um lazareto, espaço criado neste contexto para a quarentena de acometidos por doenças consideradas infectocontagiosas, construção de um novo cemitério provisório, ampliação de camas disponíveis para os acometidos, bem como higienização dos logradouros públicos da cidade, é interessante perceber como o medo da chegada da doença provoca reações e permeia o imaginário dos sujeitos.

Do mesmo modo que em províncias vizinhas a possibilidade da doença se fazer presente provocava receios e levava a cobrança de ações de profilaxia por parte dos governos provinciais²³, especialmente no caso de províncias que mantivessem contato com àquelas afetadas por vias marinhas ou fluviais, um dos principais meios de transporte na segunda metade do século XIX, e no Piauí não foi diferente.

Se em 1862 com a doença já presente em solo piauiense e somando vítimas, tem-se ações de profilaxia em outros espaços da província em função do medo de como esta poderia se desenvolver, alguns anos antes no relatório do presidente da província de Frederico D’Almeida e Albuquerque²⁴ de 1856 apresentado à Assembleia Legislativa, percebe-se uma preocupação por parte do presidente acerca do caráter epidêmico que o cólera havia adquirido no restante do país e uma outra perspectiva ao se considerar o Piauí, conforme podemos observar a seguir:

Saude Publica.

O flagello da epidemia, que ha reinado na mor parte do Imperio, que ha feito tantas victimas, e causado tão graves males, até o presente ainda não invadira esta Provincia, graças á Divina Providencia.

Cumprindo as ordens do Governo de S. M. o Imperador, que – dominado pelos sentimentos humanitarios – ha dado aos seus Delegados nas Provincias todos os meios de que é possivel dispor, para socorrer a população accommettida pela epidemia, eu tenho tomado todas as medidas preventivas necessarias, para cumprir os meus deveres, no caso de ser a Provincia invadida por esse horrivel flagello! (Piauhy, 1856, p. 17).

²³ No caso da Bahia, David (1993) indica que logo que a epidemia se instala no Pará, o presidente da província baiana é cobrado pela Comissão de Higiene da província por medidas de profilaxia visando evitar que a doença se alastrasse pelo território da Bahia. Algumas das ações sugeridas eram: quarentena de embarcações vindas de cidades afetadas pela epidemia ou mesmo caso houvesse a suspeita de alguém a bordo acometido pela enfermidade; ação conjunta das autoridades públicas para redução da insalubridade de Salvador e higienização da cidade. No que diz respeito ao Ceará, de acordo com Lemos (2016), do mesmo modo que na Bahia, as informações a respeito do Cólera passam a compor as páginas do periódico “O Cearense” ainda em 1855, gerando um imaginário do medo em torno da doença e os efeitos que esta poderia ter ao grassar o território cearense. A possibilidade de sua chegada já em 1855 levou a autoridades públicas cearenses a tomada de algumas medidas, a exemplo do poder público de Quixeramobim, que solicitou do governo provincial o envio de medicamentos, além da nomeação de um cirurgião que habitava o município para cuidar daqueles que fossem acometidos pela enfermidade. O medo da doença permaneceu nos anos seguintes até que em 1862 esta adentra o Ceará se espalhando pela província.

²⁴ De acordo com Gonçalves (1997) foi um político, administrador e bacharel em Direito nascido na Paraíba. Assumiu o cargo de presidente da província do Piauí de dezembro de 1855 até março de 1857, tendo sido ainda presidente das províncias da Paraíba, Pernambuco e Maranhão.

Além do destaque aos problemas que o cólera vinha causando em outras províncias brasileiras, naquele momento já presente e tendo vitimado milhares de vítimas no Pará, Bahia e Pernambuco, por exemplo, é interessante o adjetivo utilizado no documento para identificar a enfermidade.

Tratava-se de um flagelo. Mais do que isso. Um horrível flagelo! Ou seja, corroborando com Lemos (2019), a doença também na documentação piauiense consultada assume um caráter simbólico religioso ao se associar o cólera a uma punição. Ainda que não seja dito é perceptível a dicotomia presente no documento, isto é, se até aquele momento a doença ainda não se fazia presente em solo piauiense isto só era possível graças à intervenção da Divina Providência, de Deus, que teria “protegido” o Piauí até então.

No entanto, à medida que a doença se torna presente no território piauiense a Divina Providência se ausenta da documentação e em seu lugar assume o flagelo ou mal que se alastrou por boa parte da província, ceifando inúmeras vidas e marcando o imaginário do medo entre a população e o poder público.

Neste contexto de cólera no Piauí da segunda metade do século XIX, assim como em outras temporalidades e localidades, a partir do momento que, segundo Tuan (2005, p. 149), “uma doença ataca repentinamente, como em uma epidemia, é como se os deuses ou um deus justo estivesse zangado e as pessoas sendo castigadas pelas suas transgressões. Unir doença com pecado e castigo é, de fato, um traço importante da fé judaico-cristã”.

Voltando aos anos 1860, por sua vez, em 1863 o cólera segue fazendo vítimas e provocando medo na administração pública da província do Piauí, bem como nos espaços diretamente afetados. No relatório do presidente da província Dr. José Fernandes Moreira de 1 de julho de 1863 tem-se o seguinte:

Saude publica.

De 14 para 15 de Abril manifestou-se na Villa, e Termo do Principe Imperial o cholera-morbus, que foi considerado extinto á 31 de Maio; neste intervallo forão acommettidas 313 pessoas, das quaes 52 fallecerão.

Nomeei uma commissão sanitaria, á quem forão entregues 400\$ reis para dietas, e tratamento dos pobres: remetti por duas vezes remedios appropriados, e uma porção da baeta, autorisei o engajamento do Pharmaceutico Antonio Mavignier Lopes Gama por 10\$ reis diarios para pensar os pobres, de 2, ou mais enfermeiros, e dos coveiros precisos para o prompto enterramento dos mortos. Os habitantes receberão o mal com coragem, e fizerão entre si uma pequena subscrição [...].

Por cautella mandei uma pequena ambulancia para a proxima Villa de Marvão, nomeei commissão para esta, e para as Villas de Independencia, e Campo-maior á tomarem medidas preventivas, e autorisei as collectorias de Marvão, e Independencia a fornecerem ás ditas commissões o dinheiro preciso até a quantia de 200\$ reis.

Finalmente hoje cessarão os receios, e com quanto não esteja liquidada toda a despesa, calculo que não será maior de 2 contos de reis (Piauhy, 1863a, p. 10).

Se no relatório anterior de 1862 a vila de Príncipe Imperial (Crateús) tinha sido pouco afetada no tocante a infectados e, conseqüentemente, mortos pelo cólera, esse número se modifica significativamente no relatório de 1863. Se em documento prévio indicava-se a inexistência de vítimas, em novo surto de cólera na vila o número de acometidos aumenta substancialmente para 313 e dentre esta cifra 52 pessoas vindo a óbito.

O documento em si não traz muitas novidades. Limita-se, mais uma vez, a informar as medidas tomadas pela administração provincial para enfrentar a enfermidade, como a nomeação de uma Comissão Sanitária, distribuição de alimentos e remédios, contratação de funcionários específicos para lidar com a conjuntura, como o farmacêutico Antonio Mavignier Lopes Gama, além de enfermeiros para auxiliar com os doentes e coveiro para ajudar no enterro dos mortos.

Além disso, toma também medidas profiláticas com relação a outras vilas da província, algumas mais próximas de Príncipe Imperial, como Marvão (Castelo do Piauí) e Independência, outras mais distantes como Campo Maior. Apesar de se tratar de ações preventivas podem também simbolizar o medo pelas autoridades públicas da epidemia tornar a grassar em outros espaços da província.

Interessante ainda o destaque feito pelo documento acerca do enfrentamento do “mal” com “coragem” por parte dos habitantes de Príncipe Imperial. Em um contexto de desconhecimento acerca de como se efetuava a transmissão da doença²⁵ parece-nos pouco provável que a população de fato tenha enfrentado a enfermidade com coragem, ainda que segundo o documento, ajudaram uns aos outros no combate a esta.

A mudança no discurso sobre a doença de seu antecessor aproxima-se mais de um enaltecimento da própria gestão²⁶, ao inferir que se a população recebeu o mal com coragem isto relacionou-se com as medidas tomadas pela província consideradas enquanto eficazes e suficientes para combater o cólera neste momento.

Findado o ano de 1863 o cólera só voltou a ser mencionado no relatório do presidente da província do Dr. Franklin Americo de Menezes Doria de 1866²⁷. Em um momento em que a província enfrentava nova epidemia de varíola²⁸ desde setembro de 1865 até o primeiro semestre de 1866, tendo afetado

²⁵ A bactéria do cólera só foi descoberta em 1884 pelo bacteriologista alemão Robert Koch. Através do melhoramento de técnicas para colorir seres de caráter microscópico o cientista conseguiu identificar estes micro-organismos e diferenciá-los dependendo do tipo de corante absorvido por estes (Ujvari, 2012). O bacilo, por sua vez, nomeado de *Vibrio cholerae* é transmitido pelas fezes de pessoas infectadas e pode entrar no corpo das pessoas através da ingestão de alimentos contaminados, logo se multiplicando, rapidamente desidratando suas vítimas e podendo levar ao falecimento do indivíduo em pouco tempo (David, 1993).

²⁶ Considerando o exposto por Fonseca e Silveira (2019) a partir das fontes que utilizaram analisa-se que a mesma estratégia possa ter sido utilizada pelo presidente da província de Minas Gerais, Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos, no surto de cólera de 1855 nesta província. Ao enviar ofício nomeando três médicos residentes em Ouro Preto para formarem comissão sanitária e atuarem contra o cólera há um destaque que a atuação destes sujeitos permitiria aos indivíduos acometidos que tivessem mais coragem para enfrentar o flagelo.

²⁷ No relatório de 1865 também do Dr. Franklin Americo de Menezes Doria com a ausência de novos surtos epidêmicos, citando apenas alguns poucos casos de varíola, sífilis e outras doenças, torna a aparecer o discurso da Divina Providência, vinculando a inexistência de novas epidemias a um simbolismo religioso (Piauh, 1865). Interessante destacar ainda que Bastos (1994) ao tratar sobre o cólera em seu dicionário Histórico-Geográfico do Piauí registra novo surto de cólera em Oeiras em 1865, entretanto, não encontramos menção a este surto nos relatórios de presidentes da província e não tivemos acesso aos documentos consultados pelo autor.

²⁸ A varíola tornou-se doença comum no cotidiano americano a partir do contexto de conquista das populações nativas que viviam no território que posteriormente denominou-se América. No momento anterior à conquista “a população indígena – numericamente fraca, dispersa geograficamente e sem manter convívio com animais domésticos, tais como bovinos, equinos, ovinos, cães e galináceos, todos esses responsáveis pela transmissão de inúmeras doenças, – estava mais resguardada da invasão dos micróbios. De uma forma geral, antes da chegada dos europeus, os índios apresentavam poucos problemas de saúde, os quais geralmente eram decorrentes de picadas de cobras e de outros animais peçonhentos, de ferimentos provocados pelas frequentes lutas intertribais, da presença de algumas verminoses ou de doenças de pele, como a sarna” (Miranda, 2017, p. 160). A América Portuguesa neste contexto, isto é, séculos XVI, XVII e XVIII, passou a caracterizar-se pelo surgimento de surtos de

Teresina, Parnaíba, Oeiras, São Gonçalo, Barras, dentre outras localidades não mencionadas. No final da nota relacionada a saúde pública, no entanto, tem-se uma nova menção ao cólera na província do Piauí, conforme pode-se observar no trecho a seguir:

O estado sanitario da provincia pareceu a pouco ameaçado da cholera-morbus, enquanto se aceitou a noticia do reaparecimento de tal flagello na provincia do Ceará, visinha d’esta. Similhante noticia chegou a ser-me transmitida oficialmente pelas principaes auctoridades da Parnahyba, acompanhada da declaração de que um dos vapores costeiros, de volta da Fortaleza e surto no porto da Amarração, não tinha trazido limpa a carta de saude. Isto supposto, apressei-me em dar todas as providencias que reclamava tão grave communicação, mas felizmente foi em breve desvanecida a ideia da invazão da cholera-morbus no Ceará (Piauhy, 1866a, p. 20).

Ainda que o Piauí não volte a vivenciar nova epidemia de cólera permanece na província um imaginário do medo acerca da doença e dos efeitos que esta poderia ter caso novo surto epidêmico voltasse a grassar nas vilas e cidades piauienses. Mesmo que a doença não tivesse de fato ressurgido a simples possibilidade de isso ocorrer já provoca o receio por parte da administração pública ao ponto de verem nisto uma ameaça ao estado sanitário do Piauí.

Interessante ainda que o medo em torno da doença neste momento relacionou-se com a existência de novo surto epidêmico do cólera na província vizinha do Ceará, especificamente no distrito vizinho de Amarração, e em função da passagem de embarcação que vindo da capital cearense havia feito escala nesta última que mantinha contato constante com Parnaíba.

A passagem desse vapor por espaços contaminados pela enfermidade e a apresentação de uma carta de saúde²⁹ que não se encontrava limpa foi motivação suficiente para que a administração pública tomasse medidas profiláticas e, embora estas não tenham sido mencionadas, provavelmente tratou-se de destinar espaço para quarentena de infectados, atendendo ao Decreto n. 828 de 29 de setembro de 1851 (Brasil, 1851) do governo imperial.

Imperioso indicar ainda a atribuição feita em 1867 pelo médico Simplicio de Souza Mendes à Divina Providência ou ao clima do Piauí o fato de o cólera asiático não ter assumido novo caráter epidêmico na província ou mesmo de não ter provocado tantas mortes como em outras localidades. No Relatório do Presidente da Província Dr. Adelino Antonio de Luna Freire há uma transcrição do relatório do citado médico para informar sobre o estado de saúde pública e a vacinação de varíola na província. Sobre o cólera tem-se o seguinte:

doenças infectocontagiosas de caráter epidêmicos, como o sarampo, disenterias, varíolas e gripes, bem como endêmicos, a exemplo da lepra, sífilis e tuberculose, além de carencial, tais como o raquitismo, pelagra, anemia e escorbuto, existindo ainda a presença da malária e febre amarela. Além disso, através dos registros feitos pelos jesuítas é possível indicar o horror das populações nativas que vivenciavam essas epidemias, bem como a terapêutica empregada para a tentativa de curar (Miranda, 2017).

²⁹ As cartas de saúde eram documentos concedidos pelas autoridades sanitárias dos portos às embarcações que aportassem nestes espaços. Este documento servia para atestar como se encontrava a saúde da tripulação, bem como o porto de origem destas embarcações e deveria ser apresentado pelo capitão em cada porto que atracasse às autoridades sanitárias que ali se encontrassem. Além disso, não eram documentos exigidos entre portos situados no mesmo território provincial (Rebelo, 2013).

– Seja um favor providencial, seja o effeito necessario e immediato de causas naturaes e permanentes, o que é certo é que este nosso clima – apezar de secco e quente, mas ventilado e rarefeito – tem-nos posto até hoje ao abrigo d’essas grandes calamidades e pestes, que sôem invadir todo o litoral do Imperio de annos á esta parte, e que, mercê de Deus, ou não tem podido ainda vencer as barreiras supremas que se lhe oppoem, ou encontrão logo tantas forças neutralisadoras e dissolventes, que nos é grato dizer; suas consequencias fataes são nenhuma e desconhecidas, attendendo-se ao caracter violento, pernicioso e geralmente mortifero, que a sciencia e um obituario espantoso lhes assignalão quasi sempre, n’aquelles logares por onde passão, se demorão ou reinão periodica ou constantemente sob a forma endemica, contagiosa, e *sui generis* epidemica. Assim é, que nem a febre amarela, o tiphos, e sobre tudo a cholera-morbus aziatica, ou esporadica, mesmo tão temivel e como que aclimatada nas outras provincias, nesta – em boa hora o dizemos – continua desconhecida e mui distante de todas as mais tristes previsões desta pacífica e bondosa população (Piauhy, 1867, p. 56).

Por quais motivos, então, o cólera não teria tomado proporções similares a outras províncias, a exemplo da Bahia onde as mortes chegaram a 36 mil pessoas ou à Paraíba com o número estimado de 30 mil (David, 1993)? Para o médico Simplicio de Souza Mendes naquele momento duas explicações tornavam-se possíveis: a religiosa/espiritual/divina e a científica.

Conforme já indicado sempre que a epidemia sai de cena a Divina Providência reaparece e, se o “mal” deixa de agir perante a província isso se deve pela ação divina que interveio e pôs fim ao flagelo que havia anteriormente sido imposto. Nesse caso, no entanto, além da Divina Providência o médico que atesta sobre a situação de salubridade pública da província busca outra explicação para o fato de a doença ter terminado e não ter ocorrido outro surto epidêmico: recorre-se a ciência, especificamente a teoria miasmática³⁰.

A partir desta o médico indica como o clima, especificamente a ventilação dos espaços, possivelmente evitou que as previsões trágicas dadas pela ciência em outras localidades não se concretizassem no Piauí livrando suas populações, portanto, de conjunturas mais problemáticas com doenças como o cólera, a febre tifoide e a febre amarela, esta última também com surtos epidêmicos na década de 1860 conforme Nunes (2007).

No entanto, se o cólera não teve o mesmo efeito no Piauí nesta época que em outras províncias brasileiras ou mesmo países talvez possamos sugerir que isto seja em decorrência da quantidade reduzida de pessoas que viviam no território piauiense e, especialmente, nos espaços urbanos, locais de maior contaminação da doença neste período, segundo David (1993).

No quadro 1 podemos observar os números demográficos em 1865, a partir de dados presentes no relatório do 2º Vice-Presidente da Província José Manoel de Freitas apresentado à Assembleia Legislativa em 21 de julho de 1868 (Piauhy, 1868), dos espaços atingidos pelo cólera nos anos anteriores. No quadro 2 o número de pessoas mortas pelo cólera nas localidades afetadas.

³⁰ A teoria miasmática partia do princípio da necessidade de se higienizar os espaços públicos. A partir disso seria possível tentar proteger o ar das emanções pútridas e fedores que poderiam contaminá-lo. Os miasmas poderiam ser facilmente encontrados nas multidões, nos excrementos, nos animais em habitações insalubres, solos umedecidos, cadáveres, hospitais, água suja etc. A teoria indica que, caso um solo fosse tido como perigoso ou nocivo à saúde, este deveria ser drenado a fim de torná-lo inofensivo. No caso das ruas, estas deveriam ser pavimentadas com o intuito de facilitar a limpeza (Mastromauro, 2011).

Quadro 1: Contingente populacional em 1865 das cidades e vilas do Piauí que foram acometidas pelos surtos de cólera entre 1862 e 1863

Cidades e vilas	Habitantes livres e escravizados
Parnaíba	14.347
Oeiras	10.809
Jaicós	8.920
Príncipe Imperial	7.379
Independência	7.243
Marvão	7.122
Campo Maior	6.190
Picos	5.928

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 2: Número de óbitos em decorrência do cólera entre 1862 e 1863 na província do Piauí

Cidades e vilas	Óbitos
Príncipe Imperial	52
Independência	47

Fonte: Dados da pesquisa.

É preciso considerar, portanto, que a população piauiense, especificamente das cidades e vilas afetadas, tratava-se de um número reduzido ao compararmos, por exemplo, com a Bahia e sua capital, Salvador, respectivamente em números aproximados de 1 milhão e 56 mil pessoas em 1855 (David, 1993).

Há de se considerar ainda a insalubridade de espaços que foram mais afetados pela enfermidade, como é o caso de Salvador, na explicação acerca do porquê o número elevado de mortes, segundo David (1993). Deste modo, no caso do Piauí, talvez o número reduzido de pessoas que viviam nos espaços mais afetados pelo cólera tenha contribuído para reduzir o contágio na província. Certamente a salubridade destes espaços também teve influência nesse contágio, assim como na Bahia, contudo nos faltam documentos³¹ para uma análise mais aprofundada neste aspecto.

Duas décadas depois³², o cólera tornou a ameaçar a província do Piauí e provocar o medo no imaginário da população e, especialmente, na administração pública. De acordo com Baptista e Nascimento (2018) em dezembro de 1884 o periódico “A Época” lança uma nota em que comenta sobre o reaparecimento do cólera na Europa.

A preocupação do periódico resvala na existência de um porto marítimo na província do Piauí que estabelecia contato diretamente com a Europa, portanto, sujeito ao aporte de embarcações contaminadas com a enfermidade. A nota questiona ainda o que o governo provincial estaria fazendo para evitar que a doença voltasse a grassar no Piauí, sugerindo que o lazareto³³ que já havia sido construído na administração anterior na região de Amarração não seria o suficiente e apontando as medidas mais

³¹ Talvez o estudo de Sousa, Nascimento e Santana (2020) por utilizar outras fontes, a exemplo do jornal piauiense “O Expectador” de 1862, possa futuramente trazer mais informações sobre esta questão da salubridade das vilas e cidades piauienses e como isto afetou o contágio ou não nos espaços afetados.

³² Não encontramos menções ao Cólera entre os anos de 1868 e 1883 nos relatórios dos presidentes da província.

³³ Nos documentos analisados é possível encontrar a construção de lazaretos em Teresina e Parnaíba para o recebimento de enfermos da varíola e cólera respectivamente. Em 1884 em momento que o cólera volta a ameaçar a província foi construído um novo lazareto em Amarração (Baptista; Nascimento, 2018).

enérgicas tomadas pelo governo imperial, como o fechamento de portos, que poderiam ser tomadas como exemplos pela administração da província.

Ainda que o questionamento das medidas tomadas reflita diretamente em questões políticas, isto é, nas disputas entre o Partido Liberal e Conservador, conforme salientado por Baptista e Nascimento (2018), é interessante destacar que apesar disso novamente o cólera reaparece no discurso político enquanto um flagelo e este, por sua vez, responsável por trazer o medo às pessoas que viviam naquela época.

A remota possibilidade de a doença alcançar novamente o território piauiense, tornando-se novamente epidêmica é o bastante para assustar, bem como indagar as autoridades como evitar que este flagelo, que este mal, mais uma vez provoque vítimas, bem como pânico e medo não apenas entre as cidades e vilas costeiras, mas também entre aquelas do interior da província do Piauí.

O cólera, no entanto, não foi a única enfermidade no contexto dos anos 1860 a atingir um caráter epidêmico ou mesmo a modificar o cotidiano dos piauienses, bem como provocar medos e receios, além de medidas enérgicas por parte da administração pública e, talvez, atitudes desesperadas por parte de sujeitos acometidos por essas enfermidades, muitas vezes, mortais.

Considerações finais

Ao término desta narrativa sobre medo, doenças e morte ficam os ensinamentos de Albuquerque Junior (2017) sobre a impossibilidade de conhecer o mundo tal qual ele é. Ao historiador é necessário compreender que é possível abarcar apenas circunstâncias particulares sem a pretensão de se chegar a uma verdade inalcançável.

A historicidade encontra-se atrelada a essas questões no presente e no passado. Este último, deste modo, torna-se uma invenção composto por diferentes práticas e discursos realizados ao longo do tempo e quanto mais tentamos alcançá-los, mais o afastamos de ser conhecido. A História, neste ponto de vista, torna-se produtora de esquecimentos à medida que vai (re)construindo narrativas previamente produzidas sobre um passado que acreditava-se ser conhecido.

Deste modo, os objetos, documentos ou vestígios não trazem por si só a História ou mesmo o sentido desta. É preciso a criação de uma narrativa a partir de um conhecimento histórico previamente conhecido para que seja possível historicizar o documento. Só então este passa a ter um sentido e um significado histórico.

Foi essa historicidade e narrativa que buscamos criar ao refletirmos a partir dos relatórios de presidência da província do Piauí sobre o medo, doença e morte na segunda metade do século XIX, isto é, sobre as possíveis sensibilidades que os sujeitos que nesta época existiram vivenciaram ao se deparar com o cólera.

Assim, considerando as reações diversas que o ser humano pode ter frente ao medo e à morte e, tendo em vista ainda a conjuntura do Piauí enfermo na década de 1860, a narrativa construída ao longo deste artigo não nos parece improvável de ter se sucedido. De todo modo, faz-se necessário que novas

pesquisas e novos documentos sejam utilizados para que as perguntas não respondidas e possibilidades elencadas ao longo deste trabalho possam ser exploradas.

Fontes

BRASIL. Decreto n. 828, de 29 de setembro de 1851. Manda executar o regulamento da Junta de Hygiene Publica. *Coleção das leis do Império do Brasil*. 1851. Disponível em: <https://bit.ly/3iXL3OK>. Acesso em: 21 abr. 2021.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio do Presidente do Piauhy o commendador Frederico D’Almeida e Albuquerque appresentado á respectiva Assembleia Legislativa Provincial na sessão ordinaria de 1856*. São Luiz: Typographia do Progresso, 1856.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Antonio de Britto Souza Gayozo passou a administração da provincia do Piauhy ao Exm. Sr. Prezidente Dr. José Fernandes Moreira no dia 13 de junho de 1862*. Therezina: Tipographia Conservadora, 1862a.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio que o Exm. Presidente da Provincia do Piauhy Dr. José Fernandes Moreira apresentou á Assembleia Legislativa Provincial por ocasião de sua instalação no dia 10 de novembro de 1862*. Therezina: Tipographia Conservadora, 1862b.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio com que o Exm. Sr. Presidente Dr. José Fernandes Moreira passou a Administração da Provincia do Piauhy ao Exm. Sr. Dr. Pedro Leão Vellozo no dia 1 de julho de 1863*. Therezina: Typographia Progressista, 1863a.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio com que o Exm. Sr. Presidente Dr. Pedro Leão Vellozo passou a Administração da Provincia do Piauhy ao Exm. Sr. 2º Vice-Presidente Dr. Antonio de Sampaio Almendra no dia 4 de dezembro de 1863*. Therezina: Typographia Progressista, 1863b.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio apresentado á Assembleia Legislativa do Piauhy no dia 12 de julho de 1865 pelo Presidente da Provincia o Exm. Sr. Dr. Franklin Americo de Menezes Doria*. San’Luiz: Typ. de B. de Mattos, 1865.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio apresentado á Assembleia Legislativa do Piauhy no dia 9 de julho de 1866 pelo Presidente da Provincia o Exm. Sr. Dr. Franklin Americo de Menezes Doria*. San’Luiz: Typ. de B. de Mattos, 1866a.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio com que o Excellentissimo Senhor Dr. Franklin A. de Menezes Doria entregou a Administração ao Excellentissimo 2º Vice-Presidente Dr. José Manoel de Freitas no dia 3 de agosto de 1866*. San’Luiz: Typ. de B. de Mattos, 1866b.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio com que o Excm. Vice-Presidente da Provincia do Piauhy Dr. José Manoel de Freitas passou a Administração ao Excellentissimo Presidente Dr. Adelino Antonio de Luna Freire no dia 5 de outubro de 1866*. San’Luiz: Typ. de B. de Mattos, 1866c.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio apresentado á Assembleia Legislativa do Piauhy no dia 9 de setembro de 1867 pelo Presidente da Provincia o Exm. Sr. Dr. Adelino Antonio de Luna Freire*. San’Luiz: Typ. de B. de Mattos, 1867.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio apresentado á Assembleia Legislativa do Piauhy no dia 21 de julho de 1868 pelo Segundo Vice-Presidente o Exm. Sr. Dr. José de Manoel de Freitas*. San’Luiz: Typ. de B. de Mattos, 1868.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio com que o Exm. Sr. Desembargador Delfino Augusto Cavalcanti D’Albuquerque passou a Administração da Provincia do Piauhy, em 4 de agosto de 1876 ao Exm. Sr. Dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa*. Theresina: Typ. do Piauhy, 1876.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio apresentado a Assembléa Legislativa do Piauhy, em sua sessão extraordinaria de 13 de abril de 1877 pelo Exm. Senr. Dr. Gracilliano de Paula Baptista Presidente da mesma Provincia*. Theresina: Typ. da Moderação, 1877.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio com que o Excellentissimo Senhor Dr. João Pedro Belfort Vieira, passou a administração da Provincia do Piauhy, Excellentissimo Senhor Dr. Manoel Idelfonso de Souza Lima, 4º Vice-Presidente da mesma Provincia no dia 11 de dezembro de 1879*. Theresina: Typ. do Semanario, 1879a.

PIAUHY. Presidência da Província. *Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Sancho de Barros Pimentel passou a administração da Provincia do Piauhy ao Exm.º Sr. 4º Vice-Presidente Dr. Constantino Luiz da Silva Moura no dia 13 de dezembro de 1878*. Theresina: Typographia da Imprensa, 1879b.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história*. Curitiba: Prismas, 2017, p. 57-72.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. O inimigo vem do mar: cólera, medo e morte no litoral piauiense no final do século XIX. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v. 7, n. 2, p. 12-28, maio/ago. 2018.
- BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; BAPTISTA, Elisabeth Mary de Carvalho. Questões de litígio entre o Piauí e o Ceará: embates pela Vila de Amarração no litoral do Piauí (1880-1884). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 182, n. 485, p. 225-252, jan./abr. 2021.
- BASTOS, Cláudio de Albuquerque. *Dicionário histórico e geográfico do estado do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.
- DAVID, Onildo Reis. *O inimigo invisível: a epidemia do cólera na Bahia em 1855-56*. 177 f. Mestrado em História pela Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1993.
- DEL PRIORE, Mary. O Império: panela fervilhante de moléstias e epidemias. In: DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira: v. 2 – Império*. São Paulo: LeYa, 2016, p. 304-315.
- FONSECA, Ana Carolina Rezende; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. Uma breve história da epidemia de cólera na província de Minas Gerais. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André (Orgs.). *No rastro das províncias: as epidemias no Brasil oitocentista*. Vitória: EDUFES, 2019, p. 214-249.
- FRANCO, Sebastião Pimentel; LOPES, André Fraga; FRANCO, Luiz Felipe Sias. Flagelos da justiça de Deus: a febre amarela e o cólera no Espírito Santo. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André (Orgs.). *No rastro das províncias: as epidemias no Brasil oitocentista*. Vitória: EDUFES, 2019, p. 112-142.
- GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Grande dicionário histórico-biográfico piauiense 1549 – 1997*. Teresina: [s.l.], 1997.
- GOULART, Adriana da Costa. *Um cenário mefistofélico: gripe espanhola no Rio de Janeiro*. 214f. Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2003.
- LEMONS, Mayara de Almeida. *Terror no sertão do Ceará: o cólera e seus flagelos*. Fortaleza: EdUECE, 2016.
- LEMONS, Mayara de Almeida. Asquerosa enfermidade: cólera no Ceará. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André (Orgs.). *No rastro das províncias: as epidemias no Brasil oitocentista*. Vitória: EDUFES, 2019, p. 90-111.
- MASTROMAURO, Giovana Carla. Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do XX. In: Simpósio Nacional de História. *Anais ...*. São Paulo: ANPUH, 2011, p. 1-14.
- MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. A espada, a cruz e os germes. In: MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. *A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura*. Recife: UFPE, 2017, p. 139-176.
- MOURA, Alexandre Sampaio; ROCHA, Regina Lunardi. *Endemias e epidemias: dengue, leishmaniose, febre amarela, influenza, febre maculosa e leptospirose*. Belo Horizonte: Nescon; UFMG, 2012.
- NUNES, Odilon. *Pesquisas para a História do Piauí – v. 4*. Teresina: FUNDAPI; Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.
- REBELO, Fernanda. Entre o Carlo R. e o Orleansais: a saúde pública e a profilaxia marítima no relato de dois casos de navios de imigrantes no porto do Rio de Janeiro, 1893-1907. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 20, n. 3, p. 765-796, jul./set. 2013.
- SOUSA, Francisco de Assis Lemos de; NASCIMENTO, Arielly de Moura; SANTANA, Márcia Castelo Branco. As preocupações do governo provincial para conter o cólera na província do Piauí na década de 1860. In: Seminário Internacional de História e Historiografia (UFC). *Anais...* Fortaleza: UFC, 2020, p. 1-2.
- TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do Medo*. São Paulo: UNESP, 2005.
- UJVARI, Stefan Cunha. *A história da humanidade contada pelos vírus: bactérias, parasitas e outros microorganismos*. São Paulo: Contexto, 2012.